

DISCURSO ACADÊMICO SOBRE A BÍBLIA¹*Juan Donoso Cortés*²

Senhores,

Chamado por eleição vossa a preencher o vazio deixado nesta academia por um varão ilustre pela sua doutrina, célebre pela agudeza e fecundidade de seu engenho, e pela sua literatura e ciência, merecedor de eterna e esclarecida memória, quem poderá afirmar ser digno de escritor tão eminente, e desta nobilíssima assembleia, alguém como eu, pobre de fama e de escasso engenho? Posto em tão grave situação, pareceu-me conveniente escolher para tema de discurso um assunto altíssimo, que cativando a vossa atenção, forçá-los a apartar de mim vossos olhos, para colocá-los em sua grande majestade e sublime alteza.

Há um livro, tesouro de um povo, que é hoje fábula e ludíbrio da terra, e que foi em tempos passados estrela do Oriente, onde foram dessedentar sua divina inspiração todos os grandes poetas das regiões ocidentais do mundo, e no qual aprenderam o segredo de elevar os corações e arrebatar as almas com sobre-humanas e misteriosas harmonias. Esse livro é a Bíblia, o livro por excelência.

Nele aprendeu Petrarca a modular seus gemidos; nele viu Dante suas aterradoras visões; daquela frágua acesa extraiu o poeta de Sorrento os esplêndidos resplendores de seus cantos. Sem ele, Milton não teria surpreendido a mulher na sua primeira fraqueza, ao homem na sua primeira culpa, a Lúcifer em sua primeira conquista, a Deus no seu primeiro cenho; nem poderia anunciar aos povos a tragédia do Paraíso, nem cantar com canto de dor a má ventura e triste fado da linhagem humana. [...] Quem colocou diante dos olhos dos nossos grandes escritores místicos os obs-

1) Discurso proferido por Juan Donoso Cortés a 16 de abril de 1848, ao tomar assento na *Real Academia de la Lengua*. Tradução de excertos escolhidos do original em espanhol presente em OBRAS de D. Juan Donoso Cortés. (Ord.) Gavino Tejado. Madrid: Imprenta de Tejado, 1854. Tomo III. p. 171-198, por José Manuel Victorino de Andrade (IFAT).

2) Juan Donoso Cortés (1809-1853) filósofo, político e diplomata espanhol, autor de numerosos escritos e discursos. “O seu estilo distingue-se por uma rara energia e um brilho que nenhum outro se crê que iguale; mas não falta quem desaprove os frequentes neologismos e os giros singularmente atrevidos que usa, em abono da abundância de ideias e da louçania da sua imaginação”. Ver DE OCHOA, Eugenio. *Apuntes para una biblioteca de escritores españoles contemporáneos*: Colección de los mejores autores españoles. París: Librería Europea, 1840. Tomo XXIII. p. 467-498.

curos abismos do coração humano? Quem colocou em seus lábios aquelas santas harmonias, e aquela vigorosa eloquência, e aquelas tremendas imprecações, e aquelas fatídicas ameaças, e aquelas saídas sublimes, e aqueles suavíssimos timbres de ardorosa caridade e de castíssimo amor, com que algumas vezes espantavam a consciência dos pecadores, e outras levavam ao arrebatamento as limpas almas dos justos? Suprimi a Bíblia com a imaginação, e tereis suprimido a bela, a grande literatura espanhola, ou a tereis ao menos despojado de suas centelhas mais sublimes, dos seus mais esplêndidos atavios, de suas soberbas pompas e de suas santas magnificências.

E quanto, senhores, a literatura se desdoura, se com a supressão da Bíblia todos os povos permanecem em trevas e nas sombras da morte? Porque nela estão escritos os anais do céu, da terra e do gênero humano; na Bíblia, como na própria divindade, está contido o que foi, o que é, e o que será: na primeira página conta o princípio dos tempos e das coisas; na última, o fim das coisas e dos tempos. Começa com o Gênesis, que é um idílio, e acaba com o Apocalipse de São João, que é um hino fúnebre. O Gênesis é belo como a primeira brisa que refrescou o mundo, como a primeira aurora que se levantou no céu, como a primeira flor que brotou nos campos, como a primeira palavra amorosa que pronunciaram os homens, como o primeiro sol que surgiu do Oriente. O Apocalipse de São João é triste como a última palpitação da natureza, como o último raio de luz, como o último olhar de um moribundo. E entre este hino fúnebre e aquele idílio, veem-se passar umas após outras, à vista de Deus, todas as gerações, e uns após outros, todos os povos: as tribos vão com os seus patriarcas, as repúblicas com os seus magistrados, as monarquias como os seus reis, os impérios com os seus imperadores. Babilônia passa com a sua abominação, Nínive com a sua pompa, Mênfis com o seu sacerdócio, Jerusalém com os seus profetas e o seu templo, Atenas com as suas artes e com os seus heróis, Roma com o seu diadema e com os despojos do mundo. Nada está firme sem Deus; todo o restante passa e morre, como passa e morre a espuma que vai desfazendo a onda.

Ali se contam ou se predizem todas as catástrofes; e por isso, estão ali todos os modelos imortais de todas as tragédias; ali se recontam todas as dores humanas; por isso, as harpas bíblicas ressonam lugubrememente, dando os tons de todas as lamentações e de todas as elegias. Quem voltará a gemer como Jó, quando prostrado na terra por uma mão excelsa que o oprime, enche com seus gemidos e humedece com suas lágrimas os

vales da Idumeia? Quem voltará a lamentar-se, como se lamentava Jeremias em torno de Jerusalém, abandonada de Deus e das gentes? Quem será lúgubre e sombrio, como era sombrio e lúgubre Ezequiel, o poeta dos grandes infortúnios e dos tremendos castigos, quando oferecia aos ventos a inspiração arrebatada, espanto de Babilônia? Contam-se ali as batalhas do Senhor, em cuja aparência são vãos simulacros as batalhas dos homens: por isso a Bíblia, que contém todos os modelos de todas as tragédias, de todas as elegias, e de todas as lamentações, contém também o modelo inimitável de todos os cantos de vitória. Quem cantará como Moisés, do outro lado do mar Vermelho, quando entoava o cântico da vitória de Javé, do triunfo sobre o Faraó, e da liberdade de seu povo? Quem voltará a cantar um hino de vitória como o que entoava Débora, a Sibila de Israel, a Amazona dos hebreus, a mulher forte da Bíblia? E se dos hinos de vitória passamos aos hinos de louvor, em que templo ressoaram jamais como no de Israel, quando subiam ao céu aquelas vozes suaves, harmoniosas, concertadas, com o delicado perfume das rosas de Jericó, e com o aroma de incenso oriental? Se buscaís modelos da poesia lírica, que lira haverá comparável com a harpa de David, o amigo de Deus, ele que colocava o ouvido às suavíssimas consonâncias e aos dulcíssimos cantos das harpas angélicas? Ou com a harpa de Salomão, o rei sábio e felicíssimo, que colocou a sabedoria em sentenças e em provérbios, e acabou por chamar vaidade à sabedoria; que cantou o amor e seus regalados desejos, e sua dulcíssima embriaguez, e seus saborosos transportes e seus eloquentes delírios? Se buscaís modelos da poesia bucólica, onde os encontrareis tão frescos e tão puros como na época bíblica do patriarcado, quando a mulher, a fonte e a flor eram amigas, porque todas juntas e cada uma por si eram o símbolo da inicial sensibilidade e da cândida inocência? Onde encontrareis, senão ali, os sentimentos limpos e castos, e o aceso pudor dos esposos, e a misteriosa fragrância das famílias patriarcais?

Vede, senhores, porque todos os grandes poetas, todos os que sentiram os seus peitos devorados pela chama inspiradora de um Deus, correram para aplacar a sede nas fontes bíblicas de águas inextinguíveis, que agora, formam impetuosas torrentes, rios amplos e caudalosos, estrepitosas cascatas e buliçosos arroios, ou tranquilos reservatórios e remansos.

Livro prodigioso aquele, senhores, que há trinta e três séculos o gênero humano começou a ler, e após lê-lo todos os dias, todas as noites e todas as horas, ainda não acabou sua leitura. Livro prodigioso aquele, em que se calcula tudo, antes de se ter inventado a ciência dos cálculos; em que sem estu-

dos linguísticos, se dá a notícia da origem das línguas; em que sem estudos astronômicos, se computam as revoluções dos astros; em que sem documentos históricos, se conta a história; em que sem estudos físicos, se revelam as leis do mundo. Livro prodigioso aquele, que vê tudo e sabe tudo; que sabe os pensamentos que se levantam no coração do homem, e os que estão presentes na mente de Deus; que vê o que se passa nos abismos do mar, e o que sucede nos abismos da terra; que conta ou prediz todas as catástrofes das gentes, e onde se encerram e entesouram os tesouros da misericórdia, todos os tesouros da justiça, e todos os tesouros da vingança. Livro, enfim, senhores, que quando os céus se dobrarem em si como um leque gigantesco, e quando a terra padeça desmaios, e o sol recolha sua luz e se apaguem as estrelas, permanecerá com Deus, porque é a sua eterna palavra ressoando eternamente nas alturas.

Por aí vedes, senhores, quão livre e extenso campo se abre às investigações dos homens. Forçoso empenho, pela índole exclusivamente literária desta ilustre assembleia, considerando a Bíblia somente como um livro que contém a poesia de uma nação digna de perdurável memória, limitar-me-ei a indicar algo do muito que poder-se-ia indicar e dizer acerca das causas que servem para explicar o seu poderoso atrativo e resplandecente formosura.

[...] Sob o prisma religioso, todas as nações eram idólatras, maniqueias ou panteístas. A notícia de um deus consubstancial ao mundo, espargida entre todos os povos nos primitivos tempos, teve a sua origem nas regiões indostânicas; a existência de um deus, princípio de todo o bem, princípio de todo o mal, fazendo-se oposição e contraste, foi invenção dos sacerdotes persas; e as repúblicas gregas foram exemplo das nações idólatras. O deus do Indostão estava condenado a um eterno repouso, o dos persas a uma impotência absoluta, e os deuses gregos eram homens.

Quanto à mulher, estava condenada em todas as regiões do mundo ao ostracismo político e civil, e à servidão doméstica. Quem reconheceria nessa serva com a frente inclinada sob o peso de uma maldição tremenda e misteriosa, a mais bela, a mais suave, a mais delicada criatura da criação, em cuja face retrata-se Deus, refletem-se os céus, e se olham os anjos? Por último, senhores, se buscais um povo livre, um povo que tenha notícia da dignidade humana, não encontrareis nenhum em todos os âmbitos da terra, que se eleve a tão grande majestade e que se levante a tamanha altura. Em vão buscareis naqueles impérios portentosos da Ásia, que caindo com estrépito uns sobre os outros, desabaram com espantosa ruína. Em vão os

buscareis na terra dos faraós, onde se levantam aqueles gigantescos sepulcros, cujos cimentos se amassaram com o suor e com o sangue de nações vencidas e sujeitas, e que denunciam com eloquência muda e aterradora que aqueles vastos despovoados foram assentamentos de gerações escravas. E se apartando os olhos das regiões orientais, os voltais às partes do Ocidente, o que vedes nas repúblicas gregas, senão aristocracias orgulhosas e tirânicas oligarquias? Que outra coisa vem a ser Esparta, sede do império dórico, senão uma cidade oriental, dominada por seus conquistadores? E, que vem a ser Atenas, a heroica, a democrática, a culta, pátria dos deuses e dos heróis, senão uma cidade habitada por um povo escravo e por uma aristocracia feroz e desvanecida, que não se chamou a si mesma povo, uma vez que o povo não era nada?

[...]

As tradições bíblicas, que foram causa da liberdade da mulher, foram ao mesmo tempo ocasião de liberdade para os filhos: os dos gentios caíam no poder dos seus pais, os quais tinham sobre eles o mesmo direito que sobre as suas coisas, enquanto os dos hebreus eram filhos de Deus, e um deles haveria de ser o Salvador dos homens. Daqui, o santo respeito e o terníssimo amor dos hebreus pelos seus filhos, igual ao que tinham pelas suas mulheres, daqui o exímio cuidado das matronas em amamentar com seus próprios peitos aos que haviam levado em suas entranhas, sendo tão universal este costume, que apenas se sabe que Joas, rei de Judá, de Mifiboseth e de Rebeca, que não tenham sido amamentados pelos peitos de suas mães. Daqui, as bênçãos que desciam do alto sobre os progenitores de uma numerosa família e sobre as mães fecundas. Os seus netos são a coroa dos anciãos, diz a Sagrada Escritura. Deus tinha prometido a Abraão uma posteridade numerosa; e essa promessa era considerada pelos hebreus como uma das suas mais insignes mercês. Daqui, a esmerada solicitude dos seus legisladores pelo crescimento da população, coisa já advertida por Tácito, que a respeito do povo hebreu, observa o seguinte: “*Nam et necare quemquam ex agnatis nefas*”.

Entretanto, se levais em conta a distância que há entre a família gentílica e a hebreia, vereis logo que estão separadas entre si por um abismo profundo: a família gentílica compõe-se de um senhor e de seus escravos, enquanto a hebreia, do pai, da mulher e de seus filhos. Entram como elementos constitutivos da primeira, deveres e direitos absolutos; a segunda, deveres e direitos limitados. A família gentílica descansa na servidão; a hebreia funda-se na liberdade. A primeira é resultado de um esquecimento; a segunda, de uma

recordação; o esquecimento e a recordação das divinas tradições, prova clara de que o homem não ignora, senão porque esquece, e não sabe, senão porque aprende.

Agora se compreenderá facilmente porque a mulher hebreia perde nos poemas bíblicos tudo o que teve entre os gentios de sombrio e de sinistro; e porque o amor hebreu, diferentemente do gentio, que foi incêndio dos corações, é bálsamo das almas. Abri os livros dos profetas bíblicos, e em todos aqueles quadros, risonhos ou pavorosos, com que davam a entender às sobressaltadas multidões, ou que ia desfazendo-se o nebuloso, ou que a ira de Deus estava próxima, achareis sempre em primeiro lugar as virgens de Israel, sempre belas e vestidas de resplendores aprazíveis, levantarem então seus corações ao Senhor em melodiosos hinos e em angélicos cantares, ou depositarem, sob o peso da dor, as cândidas açucenas de suas frentes.

[...]

Nem se contentaram os hebreus em confiar à mulher o brando cetro de seus lares mas puseram muitas vezes na sua mão fortíssima e vitoriosa o pendão das batalhas e o governo do Estado. A ilustre Débora governou a república na qualidade de juiz supremo da nação; como general dos exércitos, peleou e ganhou batalhas sangrentas; como poetiza, celebrou os triunfos de Israel e entoou hinos de vitória, manejando ao mesmo tempo, com igual soltura e maestria, a lira, o cetro e a espada.

No tempo dos reis, a viúva de Alexandre Janeu teve o cetro dez anos; a mãe do rei Asa governou em nome do seu filho, e a mulher de Hircano Macabeu foi designada por este príncipe para governar o Estado depois de seus dias. Até o espírito de Deus, que se comunicava a poucos, desceu também sobre a mulher, abrindo-lhe os olhos e o entendimento para que pudesse ver e entender as coisas futuras. Hulda foi iluminada com o espírito de profecia, e os reis aproximavam-se dela sobressaltados com um grande temor, contritos e receosos, para saber de seus lábios o que no livro na Providência estava escrito de seu império. A mulher, entre os hebreus, ora governa a família, ora dirige o Estado, ora fala em nome de Deus, ora avassala os corações, cativos de seus encantos. Era um ser benéfico, que já participava tanto da natureza angélica como da humana. Lede apenas o Cântico dos Cânticos e dizei-me se aquele amor suavíssimo e delicado, se aquela esposa vestida de odoríferas e cândidas açucenas, se aquela música harmônica, se aqueles arrebatamentos inocentes e elevados, e aqueles deleitosos jardins, não são mais que coisas vistas,

ouvidas e sentidas na terra, coisas que se nos apresentam como sonhos do paraíso.

E entretanto, senhores, para conhecer a mulher por excelência; para ter notícia certa do encargo recebido de Deus; para considerá-la em toda a sua beleza imaculada e altíssima; para formar-se alguma ideia de sua influência santificadora, não basta colocar a vista naqueles belíssimos exemplos da poesia hebraica, que até agora deslumbraram os nossos olhos e docemente embargaram os nossos sentidos. O verdadeiro modelo e exemplo de mulher não é Rebeca, nem Débora, nem a esposa do Cântico dos Cânticos, cheia de fragrâncias como uma taça de perfumes. É necessário ir mais além, e subir mais alto; é necessário chegar à plenitude dos tempos, ao cumprimento da antiga promessa. Para surpreender à maneira de Deus, formando o tipo perfeito de mulher, é necessário subir até ao trono resplandecente de Maria. Ela é uma criatura aparte, mais bela por si só que toda a criação; o homem não é digno de tocar suas vestes brancas, a terra não é digna de servir-lhe de peneira, nem os tecidos de brocado como tapete; a sua brancura excede a neve que se acumula nas montanhas; o seu corado, o rosado dos céus; o seu esplendor ao resplandecente das estrelas. Maria é amada de Deus, venerada pelos homens, servida pelos anjos. [...] O Pai a chama filha, e lhe envia embaixadores; o Espírito Santo a chama esposa, e lhe faz sombra com as suas asas; o Filho a chama mãe, e faz de sua morada o seu sacratíssimo ventre. Os Serafins compõem a sua corte; os céus a chamam Rainha; os homens a chamam Senhora: nasceu sem mancha, livrou o mundo, morreu sem dor, viveu sem pecado. Vede aí a mulher, senhores, vede aí a mulher, porque Deus em Maria a santificou: às virgens, porque Ela foi Virgem; às esposas porque Ela foi Esposa; às viúvas porque Ela foi Viúva; às filhas, porque ela foi Filha; às mães porque ela foi Mãe. Grandes e portentosas maravilhas obrou o cristianismo no mundo: fez as pazes entre o céu e a terra, destruiu a escravidão, proclamou a liberdade humana e a fraternidade dos homens. Mas com tudo isso, a mais portentosa de todas as suas maravilhas, a que mais profundamente influiu na constituição da sociedade doméstica e da civil, é a santificação da mulher, proclamada desde as alturas evangélicas. E além do mais, senhores, desde que Jesus Cristo habitou entre nós, nem sobre as pecadoras é lícito lançar o escárnio e o insulto, porque até os seus pecados podem ser lavados pelas suas lágrimas.

O Salvador dos homens colocou a Madalena sob o seu amparo. E quando chegou o tremendo dia em que se nublou o sol, estremeceram e deslocaram-se os despojos da terra, ao pé da sua cruz estavam juntas a sua inocên-

tíssima Mãe e a arrependida pecadora, para dar-nos assim a entender que os seus amorosos braços estavam abertos igualmente à inocência e ao arrependimento.

[...]

Terminei, senhores, o quadro que me havia proposto apresentar ante os vossos olhos: se lhes parece belo e sublime, a sua sublimidade e a sua beleza estão nele, como traçado que foi pelo próprio Deus, na larga e lamentável história de um povo maravilhoso. Se nele encontrais grandes lacunas e sombras, essas sombras e lacunas são minhas. Por elas reclamo a vossa indulgência; vossa indulgência, senhores, que nunca foi negada aos que, como eu, a imploram, e aos que, como eu, a necessitam.